

**ASPECTOS DA RESPONSABILIDADE
NA INTERAÇÃO VERBAL¹**

MENEGASSI, Renilson José²

¹ Agradeço à SETI/Fundação Araucária do Paraná, pelo apoio por meio do Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, processo nº 12925.

² Docente da Universidade Estadual de Maringá.

RESUMO: Este texto procura desenvolver uma reflexão teórica a respeito da responsividade, considerada elemento constitutivo dos processos de trocas verbais efetivados pelos seres humanos em sociedades organizadas. Para tanto, assume-se a perspectiva teórica de linguagem de Bakhtin e seu Círculo, a partir da qual se procura caracterizar a responsividade, conceito que permeia os seus estudos. Como resultado desse processo reflexivo, a partir de exemplos de diálogos, com graduandos, na modalidade escrita, via e-mail, elencase uma série de aspectos da responsividade presentes nas proposições bakhtinianas, as quais se organizam em torno de uma premissa maior: a de que o desejo de resposta é o principal elemento motivador da assunção da palavra pelo locutor e propicia, igualmente, o surgimento dos vários elos da cadeia ininterrupta da comunicação verbal, estabelecendo-se a interação.

PALAVRAS-CHAVE: Responsividade; Interação verbal; Práticas sociais de linguagem.

ABSTRACT: This research aims at developing a theoretical reflection on addressivity, which is considered a constitutive element of verbal exchange processes accomplished by human beings within organized societies. For this purpose, the study was grounded on Bakhtin's Circle theoretical perspective, particularly on the author's conception of language as interaction. It is from this viewpoint that the several aspects of addressivity permeating language studies, written by in service teachers in the Arts course, are characterized. As a result of the reflective process, a number of characteristics of addressivity, present in Bakhtin's propositions, are listed. These propositions, in their turn, are found organized under a more comprehensive premise: that in which the wish of response is the main motivating element for the emergence of the interlocutor's word and propitiates, equally, the raise of the innumerable links of the uninterrupted network of verbal communication, where interaction is established.

KEYWORDS: Addressivity; Verbal interaction; Language social practices.

I O CARÁTER INTRODUTÓRIO DO TEXTO

Este texto é um ensaio teórico-reflexivo que pretende servir como princípio introdutório aos pensamentos e ideias de Bakhtin e seu Círculo sobre um conceito específico: o de responsividade na interação verbal, com exemplos e análises centrados no dialogismo escrito. Dessa maneira, têm-se dois objetivos determinados: a) apresentar os aspectos sobre responsividade delineados nas obras de Bakhtin e seu Círculo; b) refletir a respeito do caráter dialógico das práticas sociais realizadas por meio da linguagem, principalmente no que concerne ao aspecto da responsividade, entendida como

propriedade dos enunciados de permitir e exigir que lhe seja dada uma resposta, a partir de exemplos de diálogos escritos.

Nessa perspectiva, entende-se que tratar do caráter responsivo das práticas de linguagem implica em pensar no papel fundamental que o outro, isto é, o interlocutor socialmente situado, exerce nos processos de interação verbal. Assim, traça-se um percurso reflexivo básico que marque, a partir dos pressupostos bakhtinianos, a necessidade humana de provocar no seu par uma reação, uma resposta às suas ações, sejam elas de natureza atitudinal ou linguística. Esse esforço perpassa por vários conceitos bakhtinianos de modo a situar as marcas da responsividade em cada um deles. Entre tais conceitos, destacam-se: a interação verbal, a palavra, o outro, os enunciados concretos e os gêneros do discurso.

Para tanto, são apresentados exemplos de textos escritos por alunos do curso de Letras, professores em formação, participantes de projeto de pesquisa que estuda as manifestações de constituição da escrita na formação docente inicial. A partir desses exemplos, as características de responsividade são levantadas nas obras de Bakhtin e seu Círculo.

2 A RESPONSABILIDADE COMO EXIGÊNCIA DAS PRÁTICAS SOCIAIS HUMANAS

Desde o início de sua existência, o ser humano vai se dando conta de que, na vida em sociedade, há sempre um outro a reagir e responder à sua atitude. Nessa perspectiva, a palavra tem como traço comum o endereçamento ao outro, do qual se espera uma atitude e uma resposta.

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação entre o locutor e o ouvinte*. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992: 113, grifos dos autores).

Ambos, em sua dupla determinação (procedem de alguém e se dirigem a alguém), são, portanto, essencialmente dialógicos. Assim, o diálogo não principia com o desenvolvi-

mento da fala, mas a partir da tomada gradativa de consciência, pelo sujeito, das relações sociais das quais faz irreversivelmente parte, propiciando-se a interação.

Bakhtin/Volochinov (1992: 114) reconhecem que “mesmo os gritos de um recém-nascido são orientados para a mãe”, reforçando, assim, a necessidade humana, manifestada já pelos bebês, de endereçar as suas ações a um outro socialmente determinado. Reconhece-se, nesse processo, não o exercício de uma atividade motivada por elementos biológicos ou de consanguinidade apenas; ao contrário, entende-se esse ato como resultado da percepção, por parte da criança, de que há alguém que responde e reage às suas manifestações e a quem, em função desse vínculo social de responsividade anteriormente manifestado, pode voltar a se dirigir, numa evidente manifestação de interação humana.

Nesse contexto comunicativo, deve-se ainda entender que, na perspectiva de Bakhtin/Volochinov, palavra não é sinônimo de vocábulo descontextualizado. É, contudo, palavra-signo e, por isso, inteiramente determinada pelas relações sociais. A esse respeito destaca-se:

Enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor apenas como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico. A pura “sinalidade” não existe, mesmo nas primeiras fases de aquisição da linguagem. Até mesmo ali a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de “sinalidade” e de identificação que lhe é correlata seja real. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992: 94).

Nessas relações, é incontestavelmente preponderante o papel do outro. A esse respeito, na mesma obra, há a proposição da seguinte metáfora: “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992: 113). Não há, portanto, unidade linguística que se concretize socialmente sem que ocorra a adesão desse parceiro das relações sociais, esse outro, que se disponha a acolher, mesmo não acatando, a palavra que lhe é dirigida e que sobre ela exerça um trabalho ativo, capaz de sustentar essa ponte sobre a qual trafe-

gam os sentidos socialmente construídos e por meio da qual se efetiva a vida em sociedade. Dessa forma, a responsividade é, na verdade, uma exigência das práticas sociais de interação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992; BAKHTIN, 2003).

3 A INTERAÇÃO VERBAL E A CONSTITUIÇÃO DO OUTRO

Abordar elementos referentes à concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, entre eles a responsividade, pressupõe compreender os principais aspectos do fenômeno da interação verbal, aqui compreendida nas modalidades face-a-face e também distanciada, como a escrita. Ao definir a concepção de língua que sustenta seus pressupostos teóricos, Bakhtin/Volochinov declaram:

A verdadeira substância da língua não é constituída pelo sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal* realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (1992: 123, grifos dos autores).

As considerações a respeito da interação verbal reforçam, mais uma vez, a natureza social dos fatos linguísticos. Assim, falar dessa concepção de linguagem é assumir que a interação é um fenômeno que se realiza em contexto social específico e que, por sua natureza, exige e instaura uma relação dialógica e, por conseguinte, de responsividade, entre os sujeitos, caracterizando-se, dessa forma, a enunciação.

Em função da natureza eminentemente social das atividades realizadas pela língua, o próprio processo de produção dos enunciados não é encarado como um fato individual isolado, pois, conforme anunciam Bakhtin/Volochinov, "qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração da corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.)" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992: 282).

Isso implica a não originalidade plena no processo de utilização da língua, visto que o falante está sempre em relação com uma realidade mais ampla com a qual está em constante diálogo e na qual se insere para tomar a palavra. Esse ato

de tomada da palavra, ao contrário do que possa parecer, não se refere apenas às práticas de oralidade. A esse respeito Bakhtin/Volochinov (1992: 123) asseveram que “o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc”.

Percebe-se, assim, que a responsividade não é apenas uma simples decorrência das práticas de linguagem, mas, antes, um fator imprescindível para que elas aconteçam. Não se trata apenas de poder oferecer uma resposta ao que foi dito pelo locutor, mas de compreender que a formulação de enunciado endereçado ao outro constitui, por si, uma possível resposta a outros enunciados que circulam na sociedade, conforme ensinam Bakhtin/Volochinov (1992).

Desse modo, o discurso interior, tanto do locutor como do outro, é resultado da internalização e da reconstrução das práticas sociais das quais o sujeito toma parte ao longo de sua existência. Nesse discurso, torna-se possível vislumbrar também um dos princípios geradores da responsividade, visto que ela constitui-se como resposta interna aos processos interiorizados e, ao mesmo tempo, fundamenta as respostas que o sujeito produz aos eventos futuros, sejam eles linguísticos ou não. Sobre essa relação, Bakhtin/Volochinov asseveram que

a enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu *auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (1992: 125, grifo dos autores).

Até aqui, podemos perceber que o locutor não faz emergir sentido interior movido apenas por sua livre vontade, como se desse vazão ao complexo emaranhado de sua realidade interior. O discurso interior, que organiza e faz ecoar os processos internalizados, tanto em termos vivenciais quanto linguísticos, não é responsável exclusivo por aquilo que se enuncia. Ao contrário, a enunciação é fortemente condi-

cionada pela finalidade do discurso, pelo contexto e pelos interlocutores. No que tange especificamente aos interlocutores, a eles é endereçado o enunciado, resposta a outros tantos enunciados que foram internalizados nas estruturas psicossociais do locutor e é também deles que se espera uma nova resposta.

A partir dessa caracterização sobre o fenômeno da interação verbal e da sua materialização e particularização no processo de enunciação, pode-se aproximar as reflexões até aqui realizadas às questões que envolvem o papel do outro nessas práticas sociais que se efetivam por meio da língua. Com relação a esse fato, Bakhtin/Volochinov comentam:

A enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados. [...] A *palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior, se estiver ligado ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). (1992: 112, grifos dos autores).

Assim, no diálogo, o outro, aquele a quem a palavra é dirigida, não se comporta apenas como mero ouvinte; ao contrário, sua relevância alcança o momento anterior à verbalização do enunciado, visto que é a ele que a palavra se dirige e é em função dele que essa mesma palavra se configura, não de forma idealizada, mas sob a coerção das relações sociais mutuamente estabelecidas (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992).

Desse modo, não importa apenas a individualidade daquele a quem a palavra é endereçada, mas também a posição social que ele ocupa em relação ao sujeito de quem a palavra procede e o entorno no qual se encontram inseridos.

Nessa perspectiva, verifica-se que, nas trocas verbais, locutor e outro compartilham um espaço comum em que os sentidos são partilhados e não somente as unidades lexicais isoladas. Ambos desempenham, assim, papéis ativos nesse espaço, que não é apenas dividido, como se cada um fosse responsável apenas por um dos turnos do diálogo. É um espaço compartilhado, o que significa que é no entremeio, isto é, na interação, que a língua se efetiva em enunciados concretos constituídos de palavras-signo, sempre a partir da relação previamente estabelecida, mesmo que virtualmente, com o outro.

Com relação à diferenciação entre a palavra, considerada como unidade lexical, e o seu sentido social (signo), Bakhtin (2003: 294) destaca que “os significados lexicográficos neutros das palavras da língua asseguram a ela a identidade e a compreensão mútua de todos os seus falantes, contudo o emprego das palavras na comunicação discursiva viva sempre é de índole individual-contextual”. Desse modo, percebe-se que não há comunicação verbal sem que os falantes envolvidos no processo interlocutivo tenham conhecimentos comuns sobre o código linguístico empregado.

Todavia, esse elemento, por si só, não assegura a construção e o compartilhamento dos sentidos, que são, por sua natureza, determinados pelas relações sociais. As trocas verbais que se efetivam na vida em sociedade servem-se das unidades da língua como instrumentos para a expressão individual de suas experiências a partir das coerções do contexto social.

A partir dessa noção de troca verbais, Bakhtin (2003) define três aspectos possíveis para a palavra: palavra língua neutra, palavra alheia (dos outros) e minha palavra. Assim, a palavra da língua, em seu aspecto de neutralidade³, é uma ilusão somente possível sob a perspectiva de certas abstrações científicas, por não possuir, em si, a propriedade de servir a qualquer modalidade de expressão, a menos que seja posta em contato com a realidade social. Dessa “fricção” entre língua e contexto surgem as duas outras materializações da palavra: a palavra do outro e a minha palavra (BAKHTIN, 2003), que são de interesse à temática aqui discutida.

No que se refere à palavra do outro, Bakhtin (2003: 294) destaca que “a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”. Sendo assim, desde o início do processo de aquisição da linguagem, e ao longo de todo o seu desenvolvimento, o ser

³ Stella (2005) apresenta discussão sobre a designação de neutralidade/neutra à palavra, destacando-se o problema da tradução existente entre a língua russa e a língua portuguesa. Além disso, o autor também discute as propriedades da palavra, a partir de exemplos da língua portuguesa escrita.

humano vai tomando consciência das práticas sociais que se efetivam por meio da língua e, por consequência, assimilando a palavra do outro. Essa assimilação não deve ser concebida como mera repetição de dizeres, mas pela apropriação ativa, ou seja, pela resignificação desses enunciados que, afetados pelas experiências individuais do falante, serão externalizados sob configurações diferentes, cujos sentidos podem constituir-se tanto na mesma orientação ou na orientação contrária àquela que possuía no momento da assimilação.

Portanto, o outro sempre oferece, embora sob várias formas, uma resposta à palavra da qual se apropria. Na afirmação de Bakhtin (2003: 295), “essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo, que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos”, possibilitando, nesse sentido, uma responsividade necessária à interação, ao processo de enunciação.

Por força desse processo ativo sobre a palavra do outro é que se constitui a chamada *minha palavra*, isto é, por ser de natureza ativa, a apropriação da palavra do outro gera, necessariamente, um novo dizer, marcado pelas características de seu novo locutor. Se esse processo fosse passivo, no nível da repetição, ela seria perenemente palavra do outro; porém, como é ativo, ao ser interiormente processado, acaba-se somando às experiências do sujeito que dela se apropria (a que podemos chamar de *eu*) e se converte em *minha* palavra. Dessa forma, esse processo de transformação da palavra do outro em *minha* palavra assinala, mais uma vez, o caráter eminentemente responsivo das práticas sociais efetivadas pela língua, visto que é a resposta à palavra do outro que produz a *minha* palavra (BAKHTIN, 2003).

Especificamente sobre o interlocutor, Bakhtin/Volochinov (1992: 112), em consonância com a orientação filosófica e terminológica de sua obra, destacam que ele não é, em hipótese alguma, uma abstração: “não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado”.

Entretanto, além desse parceiro real/material, fazem-se presentes, no processo interlocutivo, também “o repre-

sentante médio do grupo social ao qual pertence o interlocutor” (1992: 112) (interlocutor ideal) e, numa perspectiva mais ampla, “um certo *horizonte* social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos”⁴ (1992: 112, grifos dos autores).

Deve-se considerar que esse processo de tripla constituição de interlocutores tende a se intensificar quando falta ao locutor a noção mais delimitada de quem seja o seu parceiro na interação verbal, seja face-a-face ou mesmo pela escrita. Assim, sem a definição do destinatário imediato, o locutor formula seus enunciados a partir de certa imagem de um interlocutor ideal (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992) ou virtual, uma espécie de representação genérica, constituído a partir das características mais gerais de um suposto parceiro da enunciação. Além disso, como é traço característico da perspectiva bakhtiniana, o entorno social é responsável pela constituição de uma imagem bastante ampla de interlocutor, que vem a catalisar a força das coerções social, a que o falante está submetido e que igualmente determinam a sua atividade pela língua.

Em função do reconhecimento de que há sempre que se estabelecer um interlocutor, observa-se que a preponderância desse aspecto no fenômeno da interação verbal ganha maior intensidade, de modo que não pode haver práticas sociais pela língua sem que se considere e se instaure a presença de um destinatário a quem sejam endereçados os enunciados e de quem, de alguma forma, se espere uma resposta. No que concerne a essa realidade, Bakhtin (2003: 301) destaca que “[...] o papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...]. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo enunciado se construísse ao encontro dessa resposta”.

Dessa forma, alicerçando-se na caracterização até aqui empreendida, é possível aproximar o foco do principal ponto de interesse da reflexão exposta ao pensamento e ideias de Bakhtin e seu Círculo: a responsividade nos enunciados concretos.

⁴ Ao refletir sobre o processo de produção textual escrita em situação de ensino de língua materna, Garcez (1998) os denomina, respectivamente, de interlocutor virtual e destinatário superior.

4 A RESPONSABILIDADE E OS ENUNCIADOS CONCRETOS

Nas práticas sociais de interação pela língua, há um processo ativo de troca e compartilhamento de sentidos entre interlocutores socialmente situados. Nesse processo, o caráter de responsividade⁵ é fundamental. Entre as várias inovações depreendidas dos estudos bakhtinianos, situa-se o destaque destinado ao papel desempenhado pelo outro em relação aos enunciados que lhe são dirigidos. A esse respeito, Bakhtin ensina, sobre o outro, que

ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (2003: 271).

Com essa afirmação, percebe-se que a atitude responsiva está ligada à percepção e compreensão do significado do enunciado por parte daquele a quem a palavra é dirigida. Na perspectiva da palavra-signo (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992), insiste-se que esse significado não se constitui somente mero reconhecimento de uma sinalidade. A percepção dos elementos sonoros ou gráficos do código linguístico em que foi formulado aquilo que se diz ou se escreve é, sem dúvida, o primeiro momento da interação entre interlocutores propiciada pela língua. Porém, esse momento não é suficiente:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992: 95, grifos dos autores).

⁵ Sobral (2005: 20) propõe o emprego do termo 'responsibilidade', neologismo criado por ele que une as noções de "responder pelos próprios atos, a responsividade, o responder a alguém ou alguma coisa". Aqui, opta-se pelo emprego da tradução 'responsividade', aglutinando-se as duas noções discutidas por Sobral, sem bipartir-las no conceito proposto pelo Círculo de Bakhtin.

Verifica-se, assim, que o processo de compreensão dos elementos linguísticos encontra-se profundamente enraizado às experiências dos interlocutores. Desse modo, para que ocorra realmente interação, cuja eficácia pode ser manifestada pela produção de uma resposta, é preciso que aquilo que foi dito/escrito encontre eco nas vivências anteriores do outro, que ele seja envolvido pela relevância do conteúdo em questão em relação ao contexto em que ele e o locutor encontram-se imersos. Somente assim essas palavras merecerão, de fato, uma resposta.

Essa compreensão implica também na consciência de que a suposta neutralidade das unidades lexicais é mera ilusão. No território comum de compartilhamento de sentidos instaurados pelas trocas verbais entre os interlocutores, circulam elementos carregados de proposições valorativas. A responsividade é motivada, então, pelo encontro e choque dessas palavras-signo com o mundo interior do outro, a partir das coerções do contexto social da enunciação.

Esse choque, aliás, deve ser encarado como uma marca de que o caráter responsivo da linguagem é, essencialmente, ativo, ou seja, uma interlocução que seja reconhecida pela exclusividade da concordância entre os interlocutores tende ao idealismo. Nas relações concretas entre pessoas, esperam-se manifestações diferenciadas em relação às verdades ou mentiras, coisas boas ou ruins, agradáveis ou desagradáveis. Se assim não fosse, poderia parecer que a resposta do ouvinte é decorrência da aprovação concedida pelo falante:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau de ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prehe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2003: 271).

Acredita-se ser válido reiterar que o caráter responsivo deriva das trocas verbais constituídas por enunciados concretos. Entre os diversos elementos que caracterizam e definem essa unidade da comunicação discursiva, Bakhtin destaca o papel da alternância entre interlocutores:

Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início os enunciados dos outros; depois do seu término os enunciados responsivos dos outros [...] O

enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada pela alternância de sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro. (2003: 275).

Essa proposição reforça, assim, a forte heterogeneidade que constitui aquilo que o autor denomina de enunciado vivo. Sua origem não é exclusivamente a individualidade do locutor, mas o ciclo anterior da cadeia da comunicação verbal. Essa mesma unidade concreta tem o seu término assinalado pela devolução da palavra ao outro, que, por um trabalho ativo sobre esse dizer, produz, muitas vezes, desde a primeira palavra ouvida/lida, uma resposta, cuja origem, mais uma vez, não é exclusivamente a sua expressão interior, mas a ação de seu mundo particular sobre o elemento externo, oferecido por aquele a quem está associada a procedência da palavra. Assim, eles vão se constituindo, alimentados por essa perene movência da palavra continuamente assumida e delegada:

todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2003: 272).

É necessário que se entenda que a responsividade não é assinalada de uma forma única, por uma resposta direta e imediatamente verbalizada, como numa situação comum face-a-face do cotidiano. Há de se considerar que, por parte do locutor, a resposta nem sempre poderá ser sensivelmente notada. Sobre isso, Bakhtin assevera:

É claro que nem sempre ocorre imediatamente a seguinte resposta em voz alta ao enunciado logo depois de pronunciado: a compreensão responsiva do ouvido (por exemplo, de uma ordem militar) pode realizar-se imediatamente na ação (o cumprimento da ordem ou comando entendidos e aceitos para execução), pode permanecer de quando em quando como compreensão responsiva silenciosa (alguns gêneros discursivos foram concebidos apenas para tal compreensão, como por exemplo os gêneros líricos), mas isso, por assim dizer, é uma compreensão responsiva de efeito retardado: cedo ou tarde o que foi ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte. (2003: 271-272).

Por meios dos pressupostos formulados por Bakhtin, podem-se distinguir três modalidades de manifestação da responsividade que, segundo a sua natureza, são propostas como imediata⁶, passiva ou silenciosa, que são discutidas e exemplificadas em texto anterior (MENEGASSI, 2008).

A atitude responsiva imediata pode ser entendida como uma manifestação ativa, em sentido estrito, da responsividade. Isto é, o outro, ao compreender o enunciado, apresenta, imediatamente, ao locutor, a sua devolutiva, ou seja, expressa publicamente a sua posição em relação ao conteúdo verbal que lhe foi endereçado. Essa expressão imediata não significa, necessariamente, uma atitude marcadamente determinada por tempo, já que, em alguns casos, a responsividade, por sua própria natureza, requer certo distanciamento temporal, proposto pelo contexto enunciativo desencadeado. Ela requer uma atitude responsiva certa, determinada, imediata à provocação do locutor.

Uma das materializações mais corriqueiras dessa forma de resposta pode ser observada na réplica do diálogo cotidiano. Nessa prática social, por força da interação face-a-face e das relações sociais, é desejável que o outro acrescente à cadeia comunicativa o elo que lhe cabe, por meio do exercício de seu papel ativo de respondente. Poder-se-ia, inclusive, pensar na existência de um contrato social implícito entre os interlocutores, em cujas cláusulas o silêncio seria considerado como grave ofensa, por ser um suposto indício de desprezo da parte a quem a fala se dirige, considerando-se, é claro, a atitude responsiva imediata aqui descrita.

Além dessa situação cotidiana e informal, é possível associar-se essa modalidade imediata de atitude responsiva a todas as situações em que a resposta do outro é temporalmente imediata, isto é, registra-se logo após a compreensão. Nessa perspectiva, há condições de estender essa propriedade a uma

⁶ Bakhtin (2003) denomina essa posição responsiva como ativa. Opta-se por designá-la como 'imediata', para não se correr o risco de entrar em contradição com o contexto geral da obra de Bakhtin e seu Círculo, que considera as várias modalidades da responsividade, de certa forma, como ativas.

gama de enunciados escritos, principalmente ao se considerar as recentes formas de comunicação mediada pelo computador, em que a distância temporal entre o momento da produção e o da recepção/compreensão é significativamente minimizada.

Como exemplificações dos aspectos estudados sobre a responsividade na interação verbal escrita, recorre-se aos registros do projeto de pesquisa *Manifestações de constituição da escrita na formação docente*, conduzido no Grupo de Pesquisa Interação e Escrita (UEM/CNPq – www.escrita.uem.br), na Universidade Estadual de Maringá-Paraná. Esses registros foram coletados entre 2007 e 2008, por meio de entrevistas com acadêmicos dos 4º e 5º anos do curso de Letras. Os dados aqui analisados foram coletados via e-mail, um dos vários instrumentos empregados para a coleta de dados na pesquisa. Esses alunos, sujeitos investigados pelo projeto desde o 1º ano de graduação, responderam a uma série de perguntas escritas, que constituíam cinco blocos temáticos, envolvendo as suas relações com a escrita no período de sua formação como docentes de língua materna e língua estrangeira. Aqui, são exemplificados e expostos excertos das mensagens trocadas por e-mail e das entrevistas, como amostras dos aspectos discutidos sobre responsividade. Salienta-se que a mensagem inicial de envio do questionário foi postada no dia 6 de novembro de 2007, solicitando-se a devolução do questionário respondido até o dia 19 de novembro. Eis a mensagem inicial:

Nome,

Gostaria de lhe fazer um pedido especial. Preciso terminar de coletar alguns dados de minha pesquisa e gostaria muito de contar com seu auxílio. Solicito que responda, com muito cuidado e minúcias, o questionário anexo, que possibilitará traçar um perfil dos alunos de graduação em Letras que participaram de pesquisas durante sua formação. Fico muito grato se puder me devolver esse material até 19 de novembro, via e-mail.

Obrigado por sua participação.

A aluna A, uma das alunas participantes da pesquisa, remeteu mensagem, enviando o questionário respondido, exatamente no prazo final determinado:

Mensagem de 19 de novembro de 2007:

Envio o questionário que você solicitou. Desculpe a demora, é que essas últimas semanas de aula estão sendo puxadas, além disso, o questionário exige a reflexão e a recordação de tudo que passou nesses cinco anos. Qualquer coisa é só falar.

A

Com essa mensagem, o caráter de responsividade imediata se mostra. Nota-se que a resposta não foi imediata temporalmente, já que há uma diferença de treze dias entre a data do envio e a data do retorno; porém, foi imediata como manifestação ativa, expressando sua posição sobre o requisitado, respondendo ativamente, manifestando sua compreensão do ato enunciativo.

Essa mesma atitude responsiva é observada nas mensagens de P. A primeira delas é uma resposta imediata temporalmente determinada à mensagem que lhe foi enviada, com um dia após a data do envio inicial, solicitando sua participação na pesquisa. A segunda, por sua vez também ativa, remete ao envio do questionário solicitado.

Mensagem de 7 de novembro de 2007:

Olá Professor, como vai?

Eu estou bem! Ansiosa com os resultados do mestrado, apenas!

Em relação ao seu "pedido especial", minha resposta é positiva. Fiquei lisonjeada por ter se lembrado de mim e, principalmente, por poder dar uma pequena contribuição para seu trabalho!

Fique certo de que responderei as inúmeras questões e as encaminharei para o senhor antes da data indicada.

Obrigada pela oportunidade.

Abraços,

P

Mensagem de 18 de novembro de 2007:

Professor, finalmente estou encaminhando as respostas do questionário de sua pesquisa.

Peço desculpas pela demora, mas passei dias de "sufoco acadêmico".

Agradeço, mais uma vez, a oportunidade de poder contribuir para sua pesquisa e desejo sucesso em suas análises!

Abraços,

P

Nas duas mensagens, observa-se a prontidão na resposta de P, evidenciando sua compreensão e sua responsividade. Diferentemente de A, que apenas remeteu mensagem após o término da tarefa solicitada, P envia mensagem imediata, manifestando sua compreensão em espaço de tempo de um dia de diferença. Nessa mensagem, P demonstra que compreende a importância de sua participação na pesquisa, mostrando que se sente “*lisonjeada*” com isso. Além do mais, ela também evidencia sua compreensão ativa na tarefa solicitada: “*Fique certo de que responderei as inúmeras questões e as encaminharei para o senhor antes da data indicada*”, o que realmente o fez, já que a mensagem chegou no dia 18. Nessa última mensagem, além de encaminhar as respostas do questionário, P também solicita do pesquisador compreensão responsiva sobre a possível demora no envio da solicitação: “*Peço desculpas pela demora, mas passei dias de ‘sufoco acadêmico’.*”, demonstrando como os elos na cadeia da comunicação são contínuos.

Por sua vez, a atitude responsiva passiva, segunda modalidade enunciada por Bakhtin (2003), não envolve necessariamente a verbalização da resposta. Sua passividade reside justamente no fato de que a devolutiva ao enunciado formulado pelo locutor se manifesta, no outro, pelo atendimento e cumprimento de um pedido, uma solicitação ou uma ordem. Esse processo registra a ocorrência da compreensão do enunciado por parte do ouvinte, mas, ao mesmo tempo, assinala uma relação social altamente assimétrica, autoritária na relação entre falante e ouvinte, tanto que Bakhtin singulariza esse fato ao buscar o exemplo da ordem militar. Além dessa situação ilustrada, há condições de vislumbrar a materialização dessa forma de responsividade em todas as situações, principalmente aquelas vinculadas às esferas institucionais, em que o enunciado se articula de forma que não reste ao destinatário da palavra outra possibilidade que não seja o cumprimento fiel e silencioso do que lhe foi solicitado.

Exemplos dessa manifestação responsiva passiva encontram-se nas mensagens de L, as quais evidenciam o caráter de atendimento e cumprimento de um pedido, numa assimetria bem estabelecida entre professor e aluna.

Mensagem de L, em 8 de novembro de 2007:

Olá, professor! Tudo bem? Espero que sim!
Já respondi o questionário! Qualquer coisa, entre em contato comigo.
Abraços,
L

Mensagem do professor, em 8 de novembro de 2007:

L,
Fico muito grato por sua pronta resposta. Caso eu fique com alguma dúvida sobre as respostas, posso tornar a fazer contato?

Mensagem de L, em 9 de novembro de 2007:

Oi, professor! Por favor, entre em contato caso tenha alguma dúvida...

Nas duas mensagens de L, observa-se que o cumprimento da solicitação feita é atendido prontamente, inclusive o intervalo entre a data do envio do questionário e a da devolução das respostas é de apenas dois dias, mostrando o caráter de atendimento e cumprimento da ordem, em função da autoridade de um professor sobre N. Essa autoridade se mostra justamente no cumprimento rápido à tarefa e, também, nas manifestações discursivas curtas e rápidas, como resposta a ordens de um sujeito com posição hierárquica mais elevada, no caso, o professor-pesquisador. Dessa forma, na primeira mensagem, L responde que está enviando o questionário respondido prontamente. Ela não enviou mensagem anterior, como as demais participantes, informando que havia recebido a mensagem, numa manifestação ativa de continuidade e possibilidade de manutenção do diálogo entre os interlocutores. Já na segunda, responde também à indagação feita pelo professor, em 8 de novembro, “*Caso eu fique com alguma dúvida sobre as repostas, posso tornar a fazer contato?*”, com uma mensagem direta e sem outras manifestações a não ser a imediata resposta, numa caracterização passiva: “*Por favor, entre em contato caso tenha alguma dúvida...*”, encerrando também qualquer possibilidade de manutenção de diálogo a partir dessa mensagem. Essas são características típicas de manifestações de atitude responsiva passiva, no dialogismo escrito.

Já a atitude responsiva silenciosa difere-se da atitude responsiva imediata e da passiva por ser uma materialização de efeito retardado da resposta inerente a um determinado enunciado. Nela, ocorre a compreensão responsiva, mas o posicionamento do outro não é verificado no exato momento da troca verbal. Esse fato ocorre por força da natureza específica da enunciação, que não autoriza a manifestação imediata da responsividade do outro, mas não evita que, tardiamente, a sua resposta se materialize em forma não apenas verbal, ou seja, com outras palavras e em outro contexto, mas também por meio de alterações perceptíveis em suas atitudes de compreensão do discurso. Contudo, diferentemente do que seria previsível em processo responsivo passivo, a atitude daquele a quem o conteúdo verbal foi direcionado pode não seguir, necessariamente, a orientação nele contido. Pode, inclusive, dependendo do contexto em que ambos estejam inseridos, ser orientada para uma direção exatamente inversa. É um risco que toda comunicação humana situada socialmente percorre, em que a atitude responsiva silenciosa se manifesta.

Para exemplificar a atitude responsiva silenciosa, não foram encontradas amostras nas mensagens enviadas e recebidas por e-mail, como nas caracterizações anteriores. Assim, foram encontrados exemplos nas respostas de L ao questionário, especificamente aquelas referentes às teorias discutidas no curso de Letras.

Bloco II - O trabalho com a escrita e suas teorias

1- Você recebeu textos teóricos que abordavam o processo de construção da escrita e, até mesmo, o seu ensino?

L: Sim, muitos textos.

2- Em quais disciplinas isto se deu?

L: Linguística I e Prática de Ensino.

3- Como foi o trabalho realizado com esses textos?

L: Através de discussões em sala.

4- Eles contribuíram para o momento da prática de ensino e regência de aulas?

L: Na minha regência, não trabalhei com escrita. Optei pelo trabalho com a leitura.

5- Os textos teóricos trabalhados contribuem para sua efetiva formação profissional?

L: Contribuem, principalmente na preparação das aulas.

Bloco V – A formação complementar ao curso de Letras

4- Nessa formação complementar, as bases teóricas sobre escrita foram contempladas? Elas se refletiram durante sua graduação, no processo de formação docente?

L: Não foram contempladas.

Nas respostas de L, é possível notar que sua atitude responsiva é simples, direta, sem qualquer manifestação de atividade de manutenção do diálogo, como observado nos exemplos das duas caracterizações de atitudes anteriores. L responde a todas as indagações, contudo, de maneira objetiva, o que impede uma possível manifestação visível do seu interlocutor, o professor-pesquisador. Na verdade, tem-se a impressão de que L requisita um tempo maior para elaboração das respostas, pois as perguntas apresentadas, manifestações de palavras alheias, a incomodaram a ponto de responder da maneira como o fez, bem diferentemente das respostas oferecidas pelas demais participantes da pesquisa.

Como forma de comparação, apresentam-se as respostas de A e P à questão 3 do Bloco II, que são consideradas manifestações de atitudes responsivas imediatas:

3- Como foi o trabalho realizado com esses textos?

L: Através de discussões em sala.

A: Alguns foram lidos na íntegra, como na disciplina de Linguística I e Aplicada. O restante foi trabalhado a partir de resumos realizados pelos professores da disciplina, que traziam o resumo e, geralmente, um exemplo prático de como trabalhar com a leitura e com a escrita.

P: Na maioria dessas disciplinas, o trabalho com os textos teóricos era parecido. Era pedido para que o aluno fizesse a leitura dos textos em casa, para que ele refletisse sobre o que havia sido lido para que, na sala de aula, juntamente com os professores e colegas, fossem feitas discussões pertinentes sobre o texto em questão.

No entanto, isso nem sempre ocorria, pois a maioria dos alunos não liam os textos em casa, o que tornava a aula pouco produtiva. Porém, uma coisa que sempre foi questionada pelos alunos (inclusive por aqueles que não liam em casa) era a funcionalidade da-

que as teorias, porque algumas eram tão utópicas que era difícil acreditar que poderiam dar certo. E a resposta que sempre ouvíamos era a de que o sucesso dependeria do professor, principalmente se ele acreditava na teoria que estava aplicando.

As respostas de A e P são evidentemente diferentes das de L. Nelas, notam-se manifestações discursivas que discutem a temática da questão apresentada, numa mostra de interação e diálogo com o interlocutor, muito diferente de L, que simplesmente responde, deixando marcado que entendeu a temática, porém não a amplia, preferindo o silêncio, mas não a passividade.

A diferença estabelecida entre as atitudes responsivas passiva e silenciosa está justamente na falta de assimetria que se observa nas respostas caracterizadas como silenciosas. Nestas, não há evidente uma relação social assimétrica, autoritária que deve ser considerada, que é observada nas respostas de L. Há apenas respostas, que apresentam nuances de compreensão do tema, porém sem expansão, como se estivesse em estado latente, necessitando de um maior tempo para manifestação, diferente dos casos das respostas de A e de P.

Essa manifestação de resposta pode se materializar tanto nas situações mais cotidianas, quanto em contextos mais complexos em que, por exemplo, a formalidade impeça uma manifestação visível do outro. Em ambos os casos, pode-se afirmar que o outro é imediatamente afetado ou mesmo incomodado ou abalado pela palavra alheia, mas se permite um tempo maior de aprofundamento da compreensão inicial e implementação das possíveis respostas verbais ou atitudinais.

Dessa forma, o fato de que todo enunciado é sempre preñado de uma resposta faz com que os parceiros da comunicação verbal, a partir do contexto em que se encontram inseridos e de suas mútuas representações individuais, estejam sempre buscando cercar-se de recursos que possibilitem antecipar e controlar o enunciado-resposta do outro.

5 OS ASPECTOS DA RESPONSABILIDADE

A partir das reflexões aqui apontadas, é possível afirmar que a responsividade é uma característica inerente a todas as práticas sociais que se efetivam por meio da língua.

Além disso, são as diversas atitudes responsivas que constroem os elos da corrente contínua da comunicação verbal, que só são realmente contínuas porque cada um dos enunciados concretos que a constitui é resposta ao elo anterior e, por certo, motivará uma nova atitude responsiva e, assim, sucessiva e ininterruptamente, possibilitando a interação verbal.

Assim, como uma maneira de salientar as questões sobre a responsividade discutidas neste texto, sintetizam-se os seus aspectos mais pertinentes:

- A responsividade é uma exigência das práticas sociais de interação;
- A responsividade não é apenas uma simples decorrência das práticas de linguagem, mas, antes, um fator ativo e imprescindível para que elas aconteçam;
- Os sujeitos organizados em sociedade são reciprocamente falantes e respondentes das palavras e atitudes coletivamente produzidos;
- A formulação de um enunciado endereçado ao outro constitui, por si, uma possível resposta a outros enunciados que circulam na sociedade;
- A responsividade constitui-se como resposta interna aos processos interiorizados e, ao mesmo tempo, fundamenta as respostas que o sujeito produz aos eventos futuros;
- O outro sempre oferece, embora sob várias formas, uma resposta à palavra da qual se apropria, que gera, necessariamente, um novo dizer, marcado pelas características de seu novo locutor;
- A resposta à palavra do outro produz a *minha* palavra;
- O falante aguarda a resposta do interlocutor, espera uma ativa compreensão responsiva;
- Elos vão se constituindo, alimentados pela perene movência da palavra continuamente assumida e delegada;
- Por parte do locutor, a resposta nem sempre poderá ser sensivelmente notada;
- Três modalidades de manifestação da responsividade que, segundo a sua natureza, podem ser propostas como: imediata, passiva ou silenciosa;

- Na atitude responsiva passiva, não se envolve necessariamente a verbalização da resposta. Sua passividade reside justamente no fato de que a devolutiva ao enunciado formulado pelo locutor se manifesta, no outro, pelo atendimento e cumprimento de um pedido, uma solicitação ou uma ordem;
- A atitude responsiva silenciosa difere das anteriores por ser uma materialização de efeito retardado da resposta inerente a um determinado enunciado;
- A percepção da intenção e da possível totalidade do conteúdo que se está sendo dito/escrito são fundamentais para a construção da atitude responsiva, reorganizando o futuro dizer;
- O silêncio, com sentido de indignação ou desprezo à arbitrariedade daquele que fala, pode ser entendido como uma ativa posição responsiva.

Essa síntese permite perceber que o caráter de responsividade se faz presente desde a formulação dos enunciados concretos, isto é, o endereçamento da palavra ao interlocutor está diretamente vinculado ao desejo ou à necessidade de provocar nele uma resposta. Para esclarecer o tema, o texto discutiu vários conceitos bakhtinianos relacionados à responsividade, com a finalidade de marcar um elo na cadeia, possibilitando e exigindo uma atitude responsiva do leitor. Espera-se que, invariavelmente, novos elos se formem nessa cadeia comunicativa por força das respostas concordantes ou discordantes que estas palavras-signo inevitavelmente propiciarão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. [Tradução de Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN/VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. [Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira]. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

GARCEZ, L. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: UNB, 1988.

MENEGASSI, R. J. Responsividade e dialogismo no discurso escrito. In: NAVARRO, P. (Org.). O discurso nos domínios da linguagem e da história. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 135-148.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAITH, B. (Org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-36.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAITH, B. (Org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 177-190.